

ESTUDO DE GÊNERO NO CONTO *A MENINA DO CAPUCHINHO VERMELHO*. UMA HERMENÊUTICA NO ÂMBITO DE FILOSOFIA DE GÊNERO

A STUDY OF GENDER IN THE STORY THE LITTLE RED RIDING HOOD. A HERMENEUTIC WITHIN THE CONTEXT OF PHILOSOPHY OF GENDER

Maria MURTA

Universidade de Évora/CIDEHUS

mariamurta007@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0794-308X>

RESUMO: Introdução: O conto *A menina do Capuchinho Vermelho* de Perrault (1697) faz parte de um corpo literário que tem influenciado gerações de pessoas. A versão do conto de Perrault reflete as normas e valores da sociedade aristocrática do século XVII, agregando lições morais e sendo mostra do movimento cultural do Iluminismo. No entanto esta narrativa continuou a evoluir e a ser reinterpretada ao longo dos séculos, o que mostra que a tradição dos contos não é estática mas se rescreve continuamente. É nesta perspetiva que a consideramos importante para abrir um diálogo que permita uma nova perspetiva que nos encaminhe a uma sociedade mais equitativa. **Metodologia:** A metodologia que seguimos foi de ordem qualitativa caracterizando-se por uma análise interpretativa e reflexiva do conto *A Menina do Capuchinho Vermelho* de Charles Perrault. Procurámos identificar neste um discurso portador de problemáticas éticas e existenciais, mais precisamente dedicado a uma Filosofia de Género. A nossa análise baseia-se na identificação de categorias filosóficas emergentes nesta narrativa e que nos permitiu, numa reinterpretação revelar uma nova ordem de valores. **Resultados:** Como resultado esperamos uma aceitação quer do valor de género feminino na sua vontade e uma aceitação todas as expressões de género, que na sua diferença, fazem parte do universo humano. **Conclusão:** Reiteramos a importância da educação como meio de consciencialização e sensibilização do valor de género e da diferença, passos fundamentais para vivermos uma sociedade verdadeiramente igualitária.

PALAVRAS-CHAVE: Perrault; contos; equidade; igualdade; sociedade.

ABSTRACT: Introduction: Perrault's *The Little Red Riding Hood* (1697) is part of a body of literature that has influenced generations of people. Perrault's version of the tale reflects the norms and values of seventeenth-century aristocratic society, adding moral lessons and showing the cultural movement of the Enlightenment. However, this narrative has continued to evolve and be reinterpreted over the centuries, which shows that the tradition of tales is not static but is continually being rewritten. It is from this perspective that we consider it important to open up a dialogue that allows for a new perspective that will lead us towards a more equitable society. **Methodology:** The methodology we followed was qualitative, characterised by an interpretative and reflective analysis of Charles Perrault's tale *The Little Red Riding Hood Girl*. We endeavoured to identify a discourse in the story that carries ethical and existential issues, more precisely one that is dedicated to a Philosophy of Gender. Our analysis is based on the identification of philosophical categories that emerge from this narrative and that have allowed us, through reinterpretation, to reveal a new order of values. **Results:** As a result, we expect an acceptance of both the value of the female gender in its will and an acceptance of all gender expressions, which in their difference, are part of the human universe. **Conclusion:** We reiterate the importance of education as a means of raising awareness and sensitising people to the value of gender and difference, which are fundamental steps towards living in a truly equitable society.

KEYWORDS: Perrault; tales; equity; equality; society.

1. INTRODUÇÃO

O conto *A Menina do Capuchinho Vermelho* de Charles Perrault (1697) tem sido uma referência de narração de histórias ao longo de séculos. No entanto, mesmo considerando a influência em Charles Perrault de toda a vida na Corte e dos modos de ser da sociedade aristocrática do século XVII, consideramos que a sua versão vai além do mero entreter. Muito embora revele, de modo sub-reptício as normas sociais e morais do seu tempo, pensamos que expõe uma realidade não aceite, mais exatamente o seu reconhecimento do valor do género feminino. É certo que o conto explora um aparente tom de advertência e apresenta uma conclusão moralizante, refletindo o saber ser do Iluminismo na racionalidade e na ordem. Se apenas olharmos o conto nesta perspetiva, o mesmo será apenas entendido como uma ferramenta educativa. No entanto, cremos que o mesmo vai além de um alerta contra a ingenuidade e a impropriedade, particularmente para as jovens que se dirigiam à Corte (Orenstein, 2002, pp. 23-24).

Assim, e aparentemente fazendo voz a uma ênfase cultural no decoro e reforçando valores patriarcais, Perrault vai dando voz ao género feminino. Muito embora a sua versão possa ser oriunda da tradição oral, subtrai a autonomia da jovem quando esta elabora uma estratégia e foge (Delarue, 1956, p. 232) por uma variante onde se expõem de modo sub-reptício desejos sexuais. Não obstante a versão de Perrault possa ser superficialmente entendida como um alerta sobre consequências a partir de desobediência a figuras parentais, e subtilmente sobre a libertinagem na corte e a sedução impune a que assistia, também nos revela a sua consciência sobre o querer da mulher. Consideramos que esta versão vai além da aceitação de papéis de

género tradicionais, admitindo a referência aos desejos sexuais femininos quando nos apresenta a jovem e o lobo na mesma cama. Embora a sua versão do conto se situe numa época de glória patriarcal, em que se esperava do género feminino obediência cega ao género masculino, Perrault apresenta-nos uma jovem que não é forçada, mas que aceita a proposta do seu parceiro masculino (Bettelheim, 1991, p. 176).

A partir daqui, este conto já não é um reforço de estereótipos de género dando ênfase à vulnerabilidade feminina revelando como este género desafia as normas e expectativas sociais. A história frequentemente destaca os papéis tradicionais de género, em que a Menina é vista como uma mulher passiva e vulnerável e o Lobo como um macho agressivo e dominante. Em termos de poder, o Lobo, fingindo ser a avó, apresenta-o como uma figura predatória, interpretação pode ser interpretada como uma metáfora para os perigos que as mulheres enfrentam por parte de homens predadores. No entanto, estamos a desvalorizar a autonomia da mulher, que continuará a ser vista como ser indefeso e frágil e incapaz de se defender.

Mas olhemos de novo o Lobo. Este surge-nos como um lobo bem-falante, agradável, sedutor. E mais tarde, com características que não assustaram a jovem. Peludo, com braços grandes... (Perrault, 1875, p. 99). Porque não fugiu imediatamente? Perrault fala-nos de uma sociedade de sedutores, onde tudo parece natural e desejável.

Pensemos agora o conto noutra perspetiva. Seguindo este ponto de vista, estamos perante uma mãe que propõe à filha que seja autónoma, e que conscientemente tomou decisões. Reside aqui o alerta: quem toma decisões, assume a sua própria vida.

Reinterpretado de inúmeras formas, cada nova versão vai expor as preocupações e os valores de cada época. Mais atualmente contamos com o reconto feminista de Eric Berne (1970), Angela Carter (1990), Roald Dahl (2017) e Mário Carneiro (2023), cujas reinterpretações desafiam a (aparente) moralidade rígida e abrem o conto a leituras alternativas. A proposta para desafiar a interpretação comum permite abrir um espaço para diálogos sobre temáticas normalmente consideradas delicadas e até evitadas. Mostrar novas significações, irá contribuir para mudanças de perspetiva e como resultado, o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Ao desconstruirmos as categorias hierárquicas que historicamente segregaram o diferente como desvio, promovemos uma compreensão da alteridade como constitutiva da própria condição humana, o que nos encaminha para um reconhecer da riqueza da diversidade de identidades de género com que podemos viver naturalmente. Ao fomentarmos o respeito mútuo, estaremos certamente a criar um mundo mais justo e inclusivo para todos.

Por conseguinte, consideramos que o conto de Perrault tem muitas camadas e não poderá ser lido inconsequentemente. A partir desta riqueza, este conto, levado a diálogo, poderá ser alvo de muitas e diferentes interpretações.

2. METODOLOGIA

A metodologia que seguimos foi de ordem qualitativa caracterizando-se por uma análise interpretativa e reflexiva do conto de Perrault. Procurámos identificar neste um discurso portador de problemáticas éticas e existenciais, mais precisamente dedicado a uma Filosofia de

Género. A nossa análise baseia-se na identificação de categorias filosóficas emergentes nesta narrativa e que nos permitiu, numa reinterpretação revelar uma nova ordem de valores.

Quando estamos perante um conto, estamos a expressar as nossas considerações sobre identidade de género. A postura social depende de como as personagens são retratadas e desenvolvidas na narrativa. Estas, que usualmente são binárias expressam o tradicionalmente expectável. A questão mantém-se: «“What is gender?” [...] “What is it to be a man?” “... a woman?”» (Haslanger, 2000, p. 35). Achamos e elogiamos a menina porque é sossegada e sorrimos porque o menino é traquinas. Esta assunção binária é diferenciadora, uma vez que inferimos de modo impercetível que as meninas não podem ou devem ser traquinas e os meninos sossegados. Na verdade expomos um constructo sobre as categorias tradicionais de masculino e feminino, reificando categorias socialmente construídas e normas tradicionais de género. Estas garantem que as expectativas tradicionais de comportamento associadas ao masculino e ao feminino se mantenham.

Vejamos então: a Menina do Chapelinho Vermelho toma decisões independentes? Como é retratada? Como uma figura vulnerável espelhando as normas de género tradicionais? E porque não consideramos que a mãe e avó quereriam ter vida além de cuidarem da casa? De facto, assim que a Menina sai de casa, não sabemos mais nada sobre a mãe (Berne, 1973, p. 34). Passemos ao Lobo. Efetivamente não é muito vulgar encontrarmos lobos falantes e simpáticos enquanto passeamos na floresta. Muito embora seja presente a este facto insólito, o lenhador parece achar a situação normal. Lembremo-nos que está perto enquanto conversam. Será que se iria encontrar com a mãe? O facto de desconhecermos esta ação paralela, pode significar que os estereótipos se perpetuam, uma vez que este desconhecimento nos leva a inferir que:

- a) o lenhador, como trabalhador masculino e possante continua o seu trabalho árduo,
- b) a mãe, como excelente dona de casa, continua nos seus afazeres domésticos, tal como esperado do género feminino.

Voltando ao lobo, analisemos agora os caminhos percorridos. Sabemos que o Lobo foi pelo caminho mais curto (em linha reta). «C’est le chemin de la conquête du pouvoir, de l’ascension sociale que l’on associe d’ordinaire à un prince masculin [...] rex – le roi – et rectum – droit [...]» (Bricout, 2005, p. 85).

Por sua vez, Capuchinho vive o momento: «“Promenons-nous dans les bois” [...] Ce parcours féminin, c’est la vie qui se cherche au coeur de la forêt, la liberté gagnée, l’autonomie conquise» (*idem, ibidem*).

Na verdade, assumiu a responsabilidade do seu querer.

Capuchinho Vermelho ao parar para ver as cores, está a subtrair-se ao esperado ao género feminino. Ser obediente, casta, são os valores que agora abandona.

Se colocarmos a hipótese de que a Menina do Capuchinho assumiu o seu querer estar com o «Lobo», esta escolha tira-lhe valor como pessoa, como mulher? Neste caso, estamos perante uma relação de: se... então, sendo a consequência da escolha a constante penalização do género feminino (Orenstein, 2002, p. 36).

Numa sociedade patriarcal assistimos à não valorização do género feminino, exceto se se enquadrar nos cânones masculinos. O papel da mulher é definido e limitado por estruturas

sociais e normas que colocam os dois géneros em polos opostos, estabelecendo como normal que os homens assumam posições de poder e autoridade, enquanto as mulheres são frequentemente as subordinadas.

Fazendo uma leitura superficial encontramos no conto o espelho deste tipo de sociedade, quando vemos as mulheres associadas a tarefas domésticas e cuidados e os homens ao trabalho mais violento. O conto apresenta-nos personagens femininas que refletem aparentemente os papéis de género tradicionais, em que estas são vulneráveis e necessitam de proteção e personagens masculinas que se revelam viris e ameaçadoras, características geralmente associadas ao género masculino. Esta leitura irá perpetuar os estereótipos de género quando associa as mulheres com fragilidade e incapacidade de julgar e os homens com audácia. Se limitarmos a nossa interpretação, a presente narrativa pode continuar a ser entendida como uma advertência sobre perigos ao género feminino, tradicionalmente considerado incapaz de se defender. Na verdade esta expectativa tem como consequência a limitação da liberdade das mulheres e a reafirmação do papel dos homens como capazes e determinantes na proteção de outrem.

E o Lobo? Esta personagem, que ao longo dos anos tem sido caracterizada como cruel, sanguinária, ou imagem de sedução, pode afinal ter sido apenas o par de uma jovem apaixonada. Ou, alguém que gostava de se vestir com roupas femininas. Se encararmos o Lobo nesta perspetiva, estaremos a vê-lo como um estranho às normas sociais, o que nos permite encontrar um com a marginalização enfrentada pelos indivíduos transgéneros. O Lobo de Perrault, tanto temido como vilipendiado, pode ser entendido como uma representação da forma como a sociedade encara aqueles que estão além das normas tradicionais. Nesta interpretação, o conto pode encarar-se como uma crítica à exclusão e ao medo da diferença. Esta posição leva a que esta narrativa não seja de advertência moral, mas sim uma exigência de entendimento e confronto com todas as estruturas sociais que ostracizam aqueles que não se conformam e assumem a sua diferença. O conto *A Menina do Capuchinho Vermelho* transforma-se num conto de apelo à empatia e à aceitação da diversidade. Pensamos que, ao integrarmos uma perspetiva transgénero no conto, estamos a desafiar todos os binários de género que se encapsulam na sua estrutura e a convidá-los a uma compreensão mais rica de identidade. Esta abordagem vem reforçar o potencial desta narrativa como veículo para promover a empatia, a inclusão e o diálogo sobre a diversidade de género.

Em última análise, reinterpretar este conto através da lente da aceitação da consciência transgénero sublinha a natureza dinâmica da história. Esta posição permite-nos utilizar esta narrativa como ponte para questionar normas sociais e defender uma compreensão mais inclusiva de identidade. Num universo humano marcado por uma multiplicidade de vivências, a aceitação, o respeito pela autoidentificação da singularidade de cada indivíduo e em consequência, a valorização desta multiplicidade de ser, tornam-se o fundamento de uma sociedade cada vez mais inclusiva. A apelarmos a uma reinterpretação seja desta, seja de outra narrativa, estamos a apelar ao reconhecimento mas também à aceitação da complexidade e da diversidade inerentes à experiência da identidade de género.

Portanto, a valorização da pluralidade emerge como uma *práxis* indispensável à construção de relações humanas solidárias, em que o respeito às singularidades assumidas não seja apenas um modo de tolerância passiva, mas uma compreensão e aceitação plena das múltiplas formas

humanas de ser e existir. Reinterpretar e integrar esta nova perspetiva no imaginário coletivo leva-nos a transcender posições excludentes para alcançarmos um horizonte ético onde a diferença não é entendida como oposição, mas como parte integral de uma humanidade comum.

É neste ponto que consideramos importante que o conto seja levado a diálogo.

A partir daqui, entendemos que este e outras narrativas, não se podem encarar com uma única interpretação nem se esgotam, e em análises interpretativas e reflexivas revelam tanto a sua riqueza de significados como a possibilidade de criarem sempre novos entendimentos num reconhecimento do respeito à dignidade de cada ser enquanto expressão única da condição humana.

3. RESULTADOS

Muitos contos apresentam personagens femininas em situações passivas, esperando por uma decisão tomada por uma personagem masculina, o que cristaliza a ideia de que as mulheres são frágeis e necessitam de salvação. Por seu turno, as personagens masculinas são frequentemente descritas como corajosas e fisicamente fortes. Esta conceção acaba por reforçar estereótipos sobre o que significa ser um homem «verdadeiro» em termos de características pessoais e sociais. A partir desta bipolarização assistimos a uma sociedade que começa a tornar-se desequilibrada em termos de papéis de género, podendo, em excesso colocar-se a questão sobre o que é «o género» (Haslanger, 2000). Ao género masculino cabe decidir, conquistar e como símbolo de poder, ficar impune. O género feminino, relegado ao papel de cuidar, acaba por ficar inibido de uma ação diferente da que lhe é socialmente atribuída. Uma das limitações que presenciamos é sobre a aparência feminina. Assistimos a uma hipervalorização da aparência, mais precisamente a exigência para obedecer a normas e padrões irrealistas, muitas vezes definidos pelo género masculino. Neste ponto queremos referir de novo a personagem do nosso conto. No original estamos perante a descrição de uma jovem de idade indefinida, sendo a característica principal a cor do seu vestuário, vermelho. Esta cor, que tem sido associada a sedução e sexualidade, é nesta narrativa compreendida com um sentido que não cremos ter sido o intencional. Muito embora possamos considerar que a jovem possa ter decidido ter um encontro, a cor vermelha não definiria, na época, a característica da luxúria. Esta seria representada pelo verde, numa associação ao vigor da natureza (Pastoureau, 2017).

Propondo outra leitura, se considerarmos que não estamos perante uma sedução mas um encontro, temos uma jovem capaz de reconhecer a sua vontade (Orenstein, 2002). Nesta interpretação, encontramos uma personagem mais autónoma, que toma uma decisão de modo consciente. Em vez de ser uma vítima, desempenha agora um papel ativo na sua própria história (Bettelheim, 1991).

Convenhamos que este empoderamento é bastante contestado pelo género masculino. A nossa reinterpretação realça personagens femininas mais conscientes e assertivas no cumprir dos seus desejos, também nos revela outras perspetivas sobre as personagens masculinas. Poderemos presumir que o lenhador não era violento, mas um romântico que se iria encontrar com a mãe da jovem (Berne, 1973).

A perspetiva que apresentamos sobre o conto de Perrault ultrapassa as normas de como é esperado que os homens e as mulheres se «devam» comportar. Numa sociedade regulada, as normas incluem expectativas sobre como os indivíduos se devem vestir e comportar com base na sua identidade de género. Se considerarmos o Lobo como uma personagem transgénero, estaremos a subverter os estereótipos de género, o que nos permite explorar a multiplicidade das identidades de género com que podemos coexistir.

O nosso paradigma cultural é um sistema binário que tem sido limitador do género humano, no qual ainda é menos reprovável encarar um homem violento que um homem que assumidamente aprecie usar indumentárias femininas. O Lobo, entendido como personagem masculina, será mais facilmente aceite como «predador» do que como a configuração de um grupo que seja diferente do esperado normativamente. Se nos limitarmos a encará-lo como um arquétipo de masculinidade, esta expressa-se «normalmente» como normativamente aceitável, ainda que violenta e predatória. Este Lobo, se entendido enquanto ameaça explícita à jovem, encara a representação tradicional do poder masculino. Esta assunção remete-nos a uma equação binária de género-poder. Mas, se for compreendido como um dos jovens que se encontram, estamos a entrar na dimensão do consentimento, o que vai desvalorizar o binómio que assume o género masculino como preponderante numa ação. E se for entendido como uma figura que encarna diferenças não normativas, por exemplo, personificando uma identidade de género fluída ou não conforme, a sua aceitação cultural tornar-se-á muito diferente. O Lobo, neste caso, deixará de ser o «predador» masculino normativo e passará a encarnar a alteridade que desafia o paradigma binário e, em consequência, toda a ordem simbólica da sociedade.

A possível mudança de postura do nosso Lobo revela o modo como a sociedade lida com a diferença: enquanto é o Lobo, assumido como violento é entendido e aceite como ameaça externa, compreensível num sistema patriarcal, se optar por uma postura que simbolize a rutura das expectativas de género, será entendido como uma ameaça interna, capaz de destabilizar a estrutura cultural da sociedade. Esta distinção entre aceitação e não-aceitação reflete como o sistema binário organiza e regula toda a sociedade, punindo de forma severa a subversão dos limites que considera ideais. Portanto, a análise do Lobo enquanto personagem masculina pode transcender a leitura tradicional de agressor para poderem ser consideradas as suas possibilidades enquanto figura de alteridade radical. Deste modo, o conto de Perrault pode ser entendido como uma ferramenta para interrogar a valência do binarismo cultural que vivemos e propor novas formas de convivência ética que transcendem os marcos normativos, mas efetivamente limitantes de consciência humana.

4. CONCLUSÕES

Reiteráramos a importância da educação, conscientização e promoção de políticas inclusivas com o intuito de garantir a liberdade e os direitos de ambos os géneros para chegarmos a ser uma sociedade igualitária. Para tal, é essencial reconhecer a amplitude da variação na identidade de género e respeitar a autoidentificação de cada pessoa. Num imenso universo humano, cada ser tem uma experiência única de género, sendo a aceitação desta diversidade

de identidades fundamental para a promoção de sociedades cada vez mais imparciais e justas. A educação desempenha um papel fundamental num processo de mudança de consciência social, uma vez que tem a possibilidade de levar as crianças a entender e respeitar as diferentes identidades. Assim, a conscientização do valor da diferença é fundamental para desafiar os estereótipos e as normas culturais que perpetuam as desigualdades. Este propósito implica o promover uma compreensão mais profunda das questões relacionadas à identidade de género e incentivar a empatia e o respeito pelo que se pensa e assume diferente da norma.

Reinterpretar contos tradicionais pode ser uma estratégia interessante pois permite explorar e consequentemente questionar preconceitos, normas culturais e estereótipos, permitindo diálogos cada vez mais amplos e radicais sobre identidades e inclusão da «diferença».

Em suma, a educação e a consciencialização da diferença como não-diferença são elementos que se entrelaçam e se tornam essenciais para construirmos uma sociedade justa, solidária e equitativa.

REFERÊNCIAS

- Berne, Eric. (1973). *What do you say affter you say bello?* (8.^a ed.). Bantam Books.
- Bettelheim, Bruno. (1991). *The uses of encabament, The meaning and importance of fairy tales*. Penguin Books.
- Bricout, Bernadette. (2005). *La clé des contes*. Éditions du Seuil.
- Carneiro, Mário. (2023). *Uma Noite Descansada - Dez Contos Tradicionais Politicamente Correctos*. Guerra & Paz.
- Carter, Angela. (1990). *The Bloody Chamber: And Other Stories*. Penguin Books.
- Dahl, Roald. (2017). *Histórias em verso para meninos preversos*. Oficina do Livro. Título original: *Revoltng Rhymes*. Tradução de Luísa Ducla Soares.
- Delarue, Paul (Ed.). (1956). *The Borzoi Book of French Folk Tales*. Alfred A. Knopf.
- Haslanger, Sally. (2000). Gender and Race: (What) Are They? (What) Do We Want Them To Be? *NOÛS*, 34(1), 31-55. <https://www.mit.edu/~shaslang/papers/WIGRnous.pdf>
- Orenstein, Catherine. (2002). *Little Red Riding Hood uncloaked: ten moral tales from the forest*. Basic Books.
- Pastoureau, Michel. (2017). *Red. History of a color*. Princeton University Press.
- Perrault, Charles. (1697). *Histoires, ou Contes du temps passé, avec des moralitez*. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10545223/f10.item>
- Perrault, Charles. (1875). *Les contes de Charles Perrault*. Alphonse Lemerre, Éditeur.